

A CONSTRUÇÃO ARGUMENTATIVA EM GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS: UMA ANÁLISE DE POSTAGENS DA PÁGINA BOLHA DE S. PAULO

ARGUMENTATIVE CONSTRUCTION IN DIGITAL GENRES: AN ANALYSIS OF POSTINGS FROM THE WABE PAGE *BOLHA DE S. PAULO*

Emanoel Barbosa de Sousa¹

Resumo: Neste artigo, analisamos as estratégias argumentativas empregadas na elaboração de postagens da página do Facebook Bolha de S. Paulo e como tais estratégias refletem o posicionamento da página em relação ao jornal Folha de S. Paulo. Para desenvolvermos este estudo, baseamo-nos na proposta de Pinto (2010), um modelo de análise para “gêneros persuasivos”. O corpus deste trabalho é constituído por cinco postagens realizadas pela Bolha de São Paulo. Por meio da análise, notamos que os componentes externos, do modelo proposto por Pinto (2010), contribuem para a formação da imagem da página Bolha de S. Paulo, criando um contexto para as postagens. Já os componentes internos possibilitam articular aspectos textuais, discursivos e enunciativos, identificando na publicação as estratégias argumentativas, os posicionamentos críticos da página, em relação à Folha de S. Paulo, e a imagem de si e da Folha para a construção de sentidos do texto por parte dos seus interlocutores.

Palavras-Chave: Estratégias argumentativas; Engrenagens argumentativas; Postagem.

Abstract: This paper analyzes the argumentative strategies used in elaboration of postings on Facebook Page "Bolha de S. Paulo" and how such strategies reflect the views of the page relate to the newspaper "Folha de S. Paulo". To develop this study, we based on the studies of Pinto (2010), an analysis model for "persuasive genres". The corpus of this study consists of five postings made by Bolha de S. Paulo. Through the analysis, we noted that the external components, of the model proposed by Pinto (2010), contribute to the image formation of the page Bolha de S. Paulo, creating a context for the postings. With respect to the internal components, they make possible to articulate textual, discursive and enunciative aspects, identifying on the postings the argumentative strategies and the critical views of the page, about the Folha de S. Paulo, and its own image and of the Folha de S. Paulo in the process of the producing meanings in the text by their interlocutors.

Keywords: Argumentative strategies; Argumentative aspects; Postings.

1 Introdução

Em razão de, na atualidade, as redes sociais da internet abrangerem uma quantidade significativa de nossas ações e interações diárias, tornaram-se também um ambiente de utilização e proliferação de estratégias argumentativas. A partir da valorização dessas redes como ambientes de argumentação, consideramos importante entender de que maneira esse processo acontece e como os sentidos do texto são construídos em postagens. Analisamos, para isso, postagens da página do Facebook Bolha de S. Paulo, empregando o modelo de análise de gêneros persuasivos proposto por Pinto (2010).

Adotamos a noção de gênero como ação social defendida pela teoria Sociorretórica de

¹ Docente do Curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Min. Petrônio Portella. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Teresina-PI, Brasil, e-mail: emanoel_b.s@ufpi.edu.br

Gêneros, especialmente na produção de Miller (2009 [1984]). Realizamos ainda, em nosso referencial teórico, uma apresentação acerca da página do Facebook Bolha de S. Paulo. Esperamos contribuir para a compreensão de como as estratégias de argumentação são empregadas em nosso cotidiano, em especial, nas redes sociais.

2 Metodologia

Para procedermos à análise, aplicamos o modelo sugerido por Pinto (2010), que consta de elementos externos e internos ao texto. Considerando que o texto é composto por engrenagens que funcionam articuladamente, procuramos apresentar, na análise, esta relação. Utilizamos a pesquisa qualitativa com abordagem descritivo-interpretativa para fazermos este estudo. Procuramos, por meio da descrição e explicitação das estratégias argumentativas empregadas na construção textual, demonstrar que o modelo desenvolvido por Pinto (2010) pode ser utilizado para análise de outros gêneros, que não os analisados pela autora.

Utilizamos como exemplo das postagens realizadas pela Bolha de S. Paulo, em sua página do Facebook, o texto “Racionamento, Alckmin ou SABESP?”, como maneira de ilustrar a construção argumentativa elaborada pelo locutor e como essa organização (engrenagem organizacional) se manifesta no estilo e na construção de *ethos* e *pathos*. Procedemos à escolha dessa postagem, em virtude de ela se contrapor à matéria jornalística “Alckmin agora diz que avalia racionamento” veiculada pelo Portal de notícia e pelo Jornal Folha de S. Paulo, na tentativa de desconstruir o exposto pela Folha e buscar persuadir o leitor a respeito do posicionamento, tanto da Folha de S. Paulo quanto da Bolha de S. Paulo.

3 Modelo de análise dos gêneros persuasivos

Os componentes internos e os componentes externos ao texto influenciam na sua produção e recepção. Tais componentes funcionam como articulações que atuam na composição do texto, na sua argumentação e, por conseguinte, na construção de sentidos. Pinto (2010) apresenta os seguintes elementos externos a serem analisados: arquitextual, metatextual, intertextual, discursivo, peritextual, situacional e suporte material. Cada um desses elementos será observado no exterior do texto, mas com implicações para as características observadas no seu interior. Como elementos internos a serem observados, a autora traz as noções de engrenagens textuais que são classificadas como de três tipos: engrenagem organizacional, engrenagem estilística e engrenagem enunciativa ampliada. A noção de engrenagem se dá pelo motivo de – apesar de as três se encontrarem divididas para uma apresentação didática, no

interior do texto – termos uma interrelação e um comprometimento funcional indissociável.

Apresentamos, na seção 3.1, os elementos externos ao texto que devem ser observados para a construção da argumentação para, em seguida, na seção 3.2, tratarmos dos elementos internos ao texto.

3.1 Componentes externos

A seguir, temos uma definição sucinta dos componentes externos ao texto que devem ser observados para a construção argumentativa realizada na produção textual.

➤ Componente arquitetural

Para a definição de componente arquitetural, Pinto (2010) se baseia na concepção de arquiteturalidade proposta por Genette (1979) e na adaptação da concepção de Genette (1979) feita por Bronckart (2004; 2005). Conforme Pinto (2010, p. 160), o primeiro trata a arquiteturalidade correspondente “à relação de um texto com outras classes que lhe são constitutivas”, o segundo, adotado pela autora, considera o arquitexto “uma organização de textos pré-existentes ou ainda uma espécie de reservatório de gêneros de textos”.

Consideramos o conceito de arquiteturalidade bastante próximo à noção de gênero, ou pelo menos da imagem cognitiva que se tem de determinado grupo de textos, já que, quando pensamos em gênero, nos vem à mente uma “imagem cognitiva” não de um texto específico, mas do formato comum em que os textos daquela categoria se apresentam.

➤ Componente intertextual

O conceito de intertextualidade adotado por Pinto (2010) para a análise dos gêneros persuasivos faz uma equiparação de intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade. Segundo essa autora, intertexto “diz respeito a qualquer tipo de diálogo entre textos, discursos (ou atividades de linguagem) ou gêneros” (p. 161). Ou seja, intertextualidade, interdiscursividade e intergenericidade seriam a mesma coisa.

Para nós, as noções de texto, discurso e gênero apresentam-se interligadas, mas atuam em âmbitos diferenciados. Em razão de julgarmos que a intertextualidade ocorre no âmbito do texto e não do gênero (intergenericidade) ou do discurso (interdiscursividade), utilizaremos aqui a noção de intertextualidade conforme Beaugrande e Dressler (1981, p. 182), por meio da qual os referidos autores afirmam que o termo intertextualidade é empregado “para categorizar as formas

pelas quais a produção e a recepção de um determinado texto dependem do conhecimento de outros textos pelos participantes”. Sendo assim, a intertextualidade ocorre num momento de comunicação efetiva e se dá não só pelo uso de outros textos no momento da produção, mas também no reconhecimento de outros textos no interior do texto corrente no momento da recepção, estabelecendo um contato implícito ou explícito entre o texto corrente e outros textos produzidos anteriormente.

➤ Componente metatextual

O componente metatextual é aquilo que é utilizado como instrução para a produção do texto ou gênero, como, por exemplo, os manuais de instituições jornalísticas, manuais de redação oficial que dizem as características normalmente encontradas em determinada classe de textos. Diz respeito também às condições de circulação dos vários gêneros em sociedade.

➤ Componente discursivo

Pinto (2010, p. 163) define o componente discursivo como o “conjunto de práticas sociais e históricas que intervirão diretamente na materialização textual e estarão, nesta última, imbricados”. O aspecto discursivo apresentado na construção dos textos é de significativa importância para o alinhamento ou não do pensamento do autor do texto com o pensamento do sujeito leitor. Os comportamentos linguísticos empregados nas práticas sociais de comunicação costumam facilitar a marcação e a identificação de posicionamentos ideológicos de grupos sociais, elemento importante a ser considerado na elaboração argumentativa de determinado texto.

➤ Componente peritextual

Com base em Genette (1987), em Adam (2001) e em Rastier (2004), Pinto (2010) elabora a noção de Peritexto. Para Pinto (2010, p. 165), o peritexto “corresponde às fronteiras do texto” e “estas são delimitadas por todos os textos que circundam o texto analisado, no mesmo espaço material, e com os quais não são observadas interrelações explícitas ou implícitas”. A construção da noção de peritexto de Pinto (2010) se diferencia tanto da de Genette (1987) quanto da de Adam (2001) por levar em conta o título como componente do texto e não como peritexto, alinhando-se à proposta de Rastier (2004). A noção de peritexto é importante para essa proposta por mostrar em que espaço o texto funciona e qual a relação estabelecida entre esse texto e os

outros textos que o circundam.

➤ Componente situacional

O componente situacional é um dos mais complexos a serem observados, pois se compõe de várias categorias e subcategorias. Pinto (2010) elege cinco categorias situacionais: época, lugar, instâncias interlocutivas, suporte material e finalidade. Cada um desses elementos possui subcategorias que procuram aprofundar a análise. A categoria *Época* é subdividida em: tempo empírico, tempo de circulação, periodicidade, duração de encadeamento, continuidade e duração de validade. A categoria *Lugar* se subdivide em: lugar empírico e lugar (espaço) de circulação. A categoria *Instâncias interlocutivas* se compõe daqueles que atuam para que o texto seja publicado e pela representação do público-alvo da publicação. Já a categoria *Finalidade* é subdividida em finalidade exterior e finalidade interior. E a categoria de *Suporte material* não apresenta subdivisões.

Na seção 3.2, falamos dos componentes internos do texto que mostram como as engrenagens textuais se articulam para a organização do texto argumentativo.

3.2 Componentes internos

Agora, passamos à apresentação dos componentes internos da análise. Esses componentes dizem respeito aos aspectos linguísticos observados no texto, mas que se inter-relacionam com os componentes externos ao texto. Pinto (2010) propõe três engrenagens que moveriam a argumentação: engrenagem organizacional, engrenagem estilística e engrenagem enunciativa ampliada.

➤ Engrenagem organizacional (organização textual)

A engrenagem organizacional procura criar uma hierarquia a respeito da força argumentativa de cada unidade textual, baseando-se, para isso, na interrelação entre o componente semântico e o componente composicional do texto. Ou seja, além de perceber a representatividade significativa de determinado termo ou expressão no texto, é necessário que se veja também como esse termo ou expressão contribui para a elaboração estrutural da argumentação.

Em virtude dessa condição de interligação semântico-composicional, Pinto (2010) defende existir uma espécie de hierarquização das unidades textuais. Assim, o texto apresentaria

uma unidade Macrotextual – UMT que serviria como plataforma condensada (PC), ou plataforma geradora (PG), isto é, que condensaria os argumentos do texto e à qual todos os demais argumentos, ou unidades textuais (UTs), estariam relacionados, constituindo-se como uma unidade textual hierarquicamente privilegiada. As Unidades Textuais estão diretamente relacionadas a uma UMT e podem aparecer também como Unidades Textuais Implícitas (UTIs), que podem ser recuperadas situacional ou textualmente, e Unidades Textuais Periféricas (UTPs), que se apresentam nas margens do texto, por exemplo, o título.

➤ Engrenagem estilística

A engrenagem estilística constitui-se das escolhas dos recursos verbais ou não verbais realizadas pelo agente produtor do texto no decorrer da produção. Sendo assim, observa-se, nessa engrenagem, que mecanismos argumentativos são empregados pelo locutor para influenciar a interpretação e compreensão do texto pelo público-alvo. A autora denomina os recursos selecionados na elaboração do texto como Mecanismos Argumentativos Prototípicos e traz como exemplos: 1. Expressões de transição entre encadeamentos; 2. Organizadores textuais (OT - conectivos ou que exerçam essa função); 3. Modalizações; 4. Impessoalidade; 5. Discurso indireto; 6. Expressão entre aspas; 7. Expressões atitudinais (EAs). Todos esses recursos auxiliam para a construção argumentativa no interior do texto e devem ser analisados no interior da engrenagem estilística para explicitar de que forma o produtor se utiliza dos recursos linguísticos para construir sua argumentação.

➤ Engrenagem enunciativa ampliada

A engrenagem Enunciativa Ampliada é, principalmente, a construção da imagem do locutor ao longo do texto e a imagem dos interlocutores construídas a partir do texto. Esse aspecto se relaciona diretamente com os conceitos de *Ethos* e de *Pathos*. A construção do *ethos* (imagem) do locutor ocorre através da integração deste aos cenários construídos no texto, já o *pathos*, que se encontra articulado aos interlocutores, é despertado a partir das estratégias persuasivas utilizadas pelo locutor, incluindo as *paixões*. Tanto o *ethos* quanto o *pathos* serão identificados a partir da construção cenográfica do texto, que envolve não apenas os aspectos enunciativos, mas também aspectos textuais e discursivos. Em virtude de englobar as duas engrenagens anteriores, recebeu a denominação de engrenagem enunciativa ampliada.

Na seção 4, apresentamos a noção de gênero que norteia a realização deste estudo, levando em consideração a proposta da Teoria Sociorretórica de análise de gêneros.

4 Gêneros

Em virtude de tratarmos sobre postagens realizadas em redes sociais na internet e de essas serem reconhecidas como ações, adotamos a concepção de gênero da teoria Sociorretórica, que se baseia na ação retórica realizada através da linguagem. Miller (2009 [1984], p. 22-23) afirma que as maneiras como os retores e as audiências compreendem o discurso que utilizam é de extrema importância para o desenvolvimento de um estudo do gênero, passando a mostrar não só as formas ou a estrutura textual que é utilizada no gênero, mas a real função desenvolvida por meio dele dentro de sua comunidade e como esse é visto segundo a ação que realiza no contexto em que é usado.

O emprego da denominação “postagem”, para a ação de publicar textos na internet, em suas mais diversas formas, em redes sociais da internet, se dá pela grande difusão dessa unidade lexical nesse ambiente. É importante frisar que as postagens realizadas por perfis pessoais na rede social Facebook apresentam status diferentes em relação às publicações de páginas do Facebook: os primeiros funcionam de modo mais pessoal por meio de redes ou cadeia de amigos daquela rede social, enquanto os segundos, que podem ser considerados perfis comerciais que visam à divulgação de uma marca (seja de uma pessoa pública, portais jornalísticos, lojas etc.), procuram difundir suas postagens para a maior quantidade de usuários daquela rede. Dessa forma, embora se apresentem com o mesmo nome, *postagem*, as ações realizadas por meio desse gênero podem ser encaradas de modos distintos.

Por ser uma ação linguística realizada no âmbito das redes sociais da internet através de *affordances* fornecidas por essa rede e de alcançar grande popularidade perante os usuários, não apenas da rede social em questão, mas também em outros ambientes da internet como blogs, portais e outras plataformas, utilizamos aqui o termo postagem para denominar a ação de publicar textos, em suas mais diversas modalidades, no ambiente das redes sociais da internet e, se é uma ação linguística, é, portanto, gênero. A apresentação da página do Facebook Bolha de S. Paulo é discutida na seção 5, com o objetivo de caracterizar a função exercida na mencionada rede social.

5 Bolha de S. Paulo

A Bolha de S. Paulo se autointitula como um serviço voluntário de *ombudsman*, como podemos conferir na própria descrição da página no Facebook:

A Bolha de S. Paulo é um voluntário serviço de *ombudsman* que prestamos a

um importante jornal paulistano, cujo nome não podemos revelar. Não por receio de sofrermos censura ou retaliações, de forma alguma, pois é um jornal bastante democrático, que aceita críticas e sugestões, além de muito aprender e melhorar com elas. Ainda assim, é um veículo de imprensa que tende a se chatear quando expõem a sua marca. Achamos que por modéstia. Por isso, manteremos sempre secreta a sua identidade. (BOLHA DE S. PAULO, 2014).

A partir da descrição fornecida pela página, percebemos a sua relação com um “importante jornal paulistano”, que se revela já no nome da página, não precisando ser mencionado na descrição, o que provoca humor. Ao se referirem à utilização da marca do jornal, fazem menção implícita ao portal satírico “Falha de S. Paulo”, que utilizou uma imagem bastante semelhante à marca “Folha de S. Paulo” e foi processado e retirado do ar.

Utilizando a definição de *ombudsman* da Folha de S. Paulo, esclarecemos a função da Bolha. Segundo a Folha (2014), “*Ombudsman* é uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Designa, nos países escandinavos, o ouvidor-geral - função pública criada para canalizar problemas e reclamações da população”². No Jornal/Portal Folha de S. Paulo, o *ombudsman* produz uma coluna semanal do jornal, já a Bolha de S. Paulo não tem a regularidade de uma produção por semana, podendo produzir mais exemplares ou não. Na seção 6, a seguir, apresentamos a análise dos dados da pesquisa.

6 A argumentação em postagens da Bolha de S. Paulo

A análise da construção argumentativa em postagens da Bolha de S. Paulo será realizada com base no texto apresentado na figura 1. A partir dessa postagem, verificamos como esse exemplar do gênero nos mostra tanto os componentes externos quanto os componentes internos que influenciam na sua constituição. Iniciaremos falando a respeito dos componentes externos relacionados ao texto, na seção 6.1, em seguida, são explicitadas as engrenagens da construção argumentativa trabalhadas na postagem, na seção 6.2.

6.1 Componentes externos

Os componentes externos elencados para a análise de textos argumentativos contribuem para a percepção do contexto da publicação. Assim, os componentes arquiteitual, intertextual, metatextual, discursivo, peritextual e situacional apresentarão características do contexto espacial, temporal e situacional, com base no texto da figura 1.

² O que é o cargo de ombudsman. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ombudsman/2014/09/1520973-o-que-e-o-cargo-de-ombudsman.shtml>. Acesso em: 30 set. 2014.

RACIONAMENTO: ALCKMIN OU SABESP?

Quem tem idade e memória, certamente se lembrou neste ano de uma marchinha antiga, cujos ingênuos versos diziam assim: “Tomara que chova três dias sem parar, ei!/ Tomara que chova três dias sem parar/ A minha grande mágoa é lá em casa não ter água/ E eu preciso me lavar”. Verão sem chuva, represa sem água, situação tensa.

Em sua função de cobrar o poder público, o jornal mais vendido de S. Paulo publicou ontem (10/04), em sua versão impressa, a seguinte notícia: “Alckmin agora diz que avalia racionamento”. O título não deixa dúvida: o advérbio de tempo “agora” anuncia um texto em que o governador será julgado pela sua morosidade, já que poderia ter tomado a decisão antes; o verbo “avalia” reforça a lentidão do poder público, que, mesmo vendo o mar virar sertão, ainda está estudando tomar ou não uma medida mais extrema.

Como diria o saudoso Millôr Fernandes, “Jornalismo é oposição. O resto é armazém de secos e molhados”. Seguindo a mesma lógica, nós aqui da Bolha não podemos só elogiar, já que temos a pretensão de sonhar que estamos fazendo um tipo de jornalismo. Em sendo assim, sempre agindo como quem procura pelo em cabeça de cavalo, acabamos vendo não só que o texto segue um tom muito mais brando que o prometido, mas também que alguns pontos na notícia merecem sinal de alerta.

Um deles são os trechos citados do governador não receberem um contraponto. Em certa passagem, comentando a possível suspensão do abastecimento de

água, ele afirma: “No momento não há necessidade”. Logo em seguida, esperávamos uma ressalvinha, em respeito àquele princípio besta de “mostrar os dois lados”. Se quisesse, o jornal poderia inserir algo como “porém moradores de diversas regiões da grande São Paulo já vêm observando suspensões no fornecimento de água”. Mas não, preferiram a fala soberana do Alquiminho.

Outra passagem estranha dia que nosso governante, ao ressaltar o incentivo à redução do consumo e as obras estruturais, estava simplesmente rebatendo seus “adversários políticos, que o acusam de ter falhado no planejamento”. Opa, pera lá! Nosso douto jornal deixa escapar dois implícitos que nos afligem: o primeiro é o de que as explicações só são necessárias para rebater “adversários”, não para esclarecer a população; o outro, que mais nos assombra, é essa ideia de que apontar falhas é coisa de “adversário político”.

Precisamos dizer aqui, nem que gastemos muita folha fazendo isso, que nós da Bolha estamos o tempo todo atrás de falhas do jornal mais vendido de S. Paulo e, nem por isso, nos consideramos “adversários políticos”. Sabemos que receber críticas é *mô bad*; no entanto, quando o bem público está em jogo, é melhor deixarmos de lado melindres pessoais e julgamentos pueris. Pro bem da nossa relação, bebê.

Obs.: na versão on line, percebendo a infelicidade do título da versão impressa, nosso jornal predileto optou por poupar Alquiminho, dizendo “Sabesp agora diz que avalia racionamento”.

Figura 1 – Postagem “Racionamento: Alckmin ou Sabesp?”

Fonte: <https://www.facebook.com/abolhadesaopaulo?fref=ts>.

A postagem será analisada a seguir, por meio da apresentação inicial dos componentes externos, com o objetivo de oferecer uma contextualização para o texto em análise.

6.1.1 Componente arquitextual

O componente arquitextual da postagem em análise é a própria coluna escrita pelo *ombudsman*, publicada semanalmente. Por se tratar de um texto opinativo sobre ações realizadas pela empresa jornalística Folha de S. Paulo, também encontramos semelhanças com os gêneros carta do leitor e artigo de opinião, já que o serviço de *ombudsman* é uma espécie de representação do leitor no interior da instituição jornalística. É importante destacar que a Bolha de S. Paulo não exerce a função de *ombudsman* no interior da Folha de S. Paulo, mas exerce essa função na rede social, por meio da propagação de um contradiscurso em relação às publicações da Folha.

Embora haja a função de *Ombudsman* em órgãos de imprensa no Brasil, como a Folha de S. Paulo e o Jornal O Povo, os textos produzidos por estes no meio jornalístico ainda não apresentam uma denominação precisa, sendo categorizados como participantes do “gênero *ombudsman*” (MACHADO; PEREIRA, 2009; GROHMANN, 2010). Em razão de o texto da postagem ser opinativo e de a própria página se denominar *ombudsman*, consideramos que o texto em questão apresenta-se orbitando na categoria de gêneros opinativos utilizados no meio

jornalístico, apesar de não haver uma denominação de gênero expressivamente compartilhada.

6.1.2 Componente intertextual

O componente intertextual pode ser visualizado na essência dessa postagem, pois a produção desse exemplar só foi possível graças a uma outra produção publicada tanto no Jornal Folha de S. Paulo quanto na Folha Online, intitulada de “Alckmin agora diz que avalia racionamento”, no jornal impresso, e “SABESP agora diz que avalia racionamento”, na Folha Online, que dizem respeito à mesma notícia, apenas com títulos diferentes.

A intertextualidade se apresenta no texto a todo momento, por este ser uma espécie de crítica a respeito das produções publicadas pela Folha. Então, teremos já no título da postagem uma relação intertextual com as manchetes das notícias veiculadas no meio impresso e na web pela Folha de S. Paulo. A intertextualidade é saliente na composição argumentativa do texto realizando-se especialmente na engrenagem organizacional por meio das unidades textuais que remetem diretamente a passagens da notícia supramencionada.

6.1.3 Componente metatextual

Não foi possível identificar outras produções que se relacionem ao modo de produção tanto das postagens da Bolha quanto em relação à produção da coluna de *Ombudsman* da Folha de S. Paulo, apesar de essas produções possuírem características bastante semelhantes. Por se tratarem de textos opinativos que procuram argumentar a respeito de determinado assunto, tem-se a tendência de construir-se o texto com base também em outros gêneros jornalísticos opinativos como é o caso da carta do leitor e do artigo de opinião, já que a tipologia textual argumentativa contribui para a visualização dessas semelhanças.

6.1.4 Componente discursivo

O componente discursivo empregado nas postagens da página Bolha de S. Paulo se constitui de uma mescla do discurso jornalístico, empregado pela função de *ombudsman*, com o discurso humorístico irônico, em que a página “propõe um texto, mas de tal maneira ou em tal contexto que estimulará o leitor a rejeitar o seu significado literal expresso, em favor de um significado ‘transliterar’ não-expresso de significação contrastante” (MUECKE, 1995, p. 58). A utilização da estratégia textual ironia manifesta tanto uma característica intertextual da postagem como também a construção de um contradiscurso.

6.1.5 Componente Peritextual

O componente Peritextual das postagens veiculadas na página Bolha de S. Paulo, no Facebook, visto na figura 2, são os demais textos publicados na “linha do tempo” dessa página, seja pelos responsáveis pela Bolha, seja por outros usuários da rede social da internet.



Figura 2 - Página Bolha de S. Paulo no Facebook
Fonte: Captura de tela da página Bolha de S. Paulo

Como podemos visualizar na figura 2, a página é composta por: 1. *Identificação da página*: identificação do proprietário do perfil ou de sua razão social, e a foto de capa que, nesse caso, estabelece uma intertextualidade com o *layout* e a composição gráfica da Folha; 2. *Alinhamento de interesses*: recurso definido pelo próprio Facebook para mostrar que outros “amigos de Facebook” já curtiram a página; 3. *Postagem 1*: por ser a postagem mais atual, naquele momento, aparece em posição superior na linha do tempo da Bolha; 4. *Descrição da página*: pequena descrição da página, porta de acesso para uma descrição mais pormenorizada; 5. *Fotos em que a página foi marcada ou postou a imagem*: imagens vinculadas ao perfil Bolha de S. Paulo; 6. *Comentários*: tem-se a participação dos seguidores através dos comentários em postagens realizadas pela Bolha; 7. *Postagem 2*: há, cronologicamente, a aparição da segunda postagem da Bolha.

É importante percebermos que, apesar de não estarem diretamente relacionados, os elementos que aparecem na composição da página se articulam na formação de um todo.

6.1.6 Componente Situacional

O componente situacional é um dos mais complexos, pois engloba diversos elementos no seu interior: época, lugar, suporte material, instância interlocutiva e finalidade.

A época, como o próprio nome sugere, diz respeito à localização temporal da postagem. Essa categoria é dividida em: tempo empírico, tempo de circulação, periodicidade, continuidade e duração de validade. No quadro 1, apresentamos mais detalhes dessa categoria.

Quadro 1 – Época

Tempo empírico	A postagem foi realizada no dia 11 de abril de 2014.
Tempo de Circulação	Por estar em meio digital, a postagem continua circulando entre os internautas, desde que estes tenham interesse em permanecer compartilhando o conteúdo da página.
Periodicidade	As postagens são realizadas, normalmente, em dias alternados.
Continuidade e duração de validade	Em razão de se encontrar disponível na internet, as postagens que tem maior repercussão tendem a uma maior continuidade, gerando, inclusive, outras postagens. A duração de validade nas redes sociais é variável devido à disponibilidade de acesso à postagem. Mesmo após um longo período em “repouso”, a postagem pode voltar à validade caso algum usuário a “curta” ou “compartilhe”.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

O tempo empírico corresponde ao tempo em que a postagem foi efetivamente realizada na rede social. O tempo de circulação é uma noção bastante debatida em relação às publicações na internet, já que os textos ficam disponíveis na grande rede para serem acessados e podem sair do estado de repouso para a circulação, de acordo com os interesses dos usuários. A continuidade e duração de validade é um aspecto bastante flexível, nesse ambiente, pois pode variar de acordo com a popularidade do assunto, se tiver bastante repercussão, pode ter uma continuidade maior e sua validade ser prorrogada e, se não tiver, pode surgir e desaparecer dos assuntos comentados rapidamente.

No quadro 2, apresentamos a categoria lugar: lugar empírico e lugar de circulação.

Quadro 2 – Lugar

Lugar empírico	Não tivemos acesso ao local empírico de produção da postagem, mas com a ampliação do acesso à rede não é preciso um local específico para fazer a publicação.
Lugar de circulação	O local de circulação do texto é a página Bolha de S. Paulo, na rede social Facebook.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Devido à popularização e maior acesso à internet, a subcategoria lugar empírico, no caso de nosso estudo, perde um pouco da sua importância, já que as postagens podem ser realizadas em qualquer ambiente que propicie acesso à internet e, inclusive, pode ser produzida em mais de um lugar, com o usuário em deslocamento. Já o lugar de circulação tem importância significativa, pois nos indica o público alvo da postagem, o ambiente em que ela foi publicada, por quem (postura ideológica do veículo), e qual a relação daquele texto com os textos já publicados pela página.

No quadro 3, temos a descrição do suporte material em que a postagem se encontra.

Quadro 3 - Suporte Material

Suporte material	O suporte material das postagens é a própria página Bolha de S. Paulo hospedada no Facebook, onde as produções ficam disponíveis para visualização.
-------------------------	---

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Como se pode perceber, o suporte material, no caso analisado, é bastante semelhante ao lugar de circulação, a página do Facebook Bolha de S. Paulo. Tal categoria é relevante, pois revela a espécie do material em que a postagem é produzida e mostra que, no caso de publicações na internet, o suporte é onde o texto se encontra disponível, diferentemente de panfletos e cartazes impressos que têm o papel como seu suporte para produção e circulação.

As instâncias interlocutivas são apresentadas a seguir e dizem respeito aos interlocutores envolvidos na produção e na recepção da postagem.

Quadro 4 – Instâncias interlocutivas

Produtores	Se autointitula <i>ombudsman</i> voluntário, mas não se identifica na postagem, caracterizando a página como perfil institucional.
Público-alvo	Normalmente, leitores da Folha de S. Paulo e público, em geral, que se interessa por política. A página foi curtida por 8.226 usuários da rede social Facebook.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Os interlocutores envolvidos com a postagem na rede social são a página, como um perfil institucional no interior do ambiente do Facebook, e os seus seguidores. Os mesmos estão envolvidos por um ambiente promovido para ser interacional e essa interação se manifesta pela visualização das postagens, por curtidas e compartilhamentos, além do comentário, que também é uma ferramenta produzida pelos desenvolvedores do site para criar uma atmosfera de interação entre aquele que publica e aquele que visualiza a postagem.

No quadro 5, mostramos a categoria finalidade, que diz respeito aos propósitos tanto internos em relação ao produtor das postagens, quanto externos por meio da publicação das postagens pela Bolha de S. Paulo.

Quadro 5 – Finalidade

Finalidade interior	Segundo a descrição da página, a finalidade interna é contribuir para o aperfeiçoamento de um “importante jornal paulistano”.
Finalidade exterior	Criticar o posicionamento ideológico da Folha de S. Paulo exposto em suas matérias veiculadas tanto no meio impresso quanto em ambiente digital.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Enquanto finalidade interna, a página explicita que visa contribuir para o aperfeiçoamento de um “importante jornal paulistano” e executa essa finalidade interior por meio da publicação de postagens em sua página, tecendo críticas a respeito do posicionamento ideológico apresentado pelo portal paulistano em suas produções jornalísticas, ou seja, a finalidade interior é realizada por meio da finalidade exterior.

Na seção 6.2, trazemos a análise dos componentes internos da postagem como modo de explicitar a construção textual/discursiva de sentidos na argumentação construída no interior do texto da Bolha de S. Paulo.

6.2 Componentes internos

Apresentados os componentes externos ao texto, passamos agora à análise dos componentes internos ou engrenagens, como denominou Pinto (2010). Relembramos que as engrenagens são classificadas como organizacional, estilística e enunciativa ampliada.

6.2.1 Engrenagem organizacional

Na engrenagem organizacional, temos uma hierarquização das Unidades Textuais (UTs), de maneira que uma das unidades textuais é responsável pelo desencadear da argumentação no interior do texto, denominada de Unidade Macrotextual (UMT). As unidades textuais estarão, de alguma maneira, relacionadas com a UMT, que é a unidade textual hierárquica e semanticamente privilegiada. Normalmente, em textos jornalísticos, temos a UMT como uma das unidades do título ou como o próprio título.

No caso da postagem apresentada na figura 1, a manchete “Racionamento: Alckmin ou

SABESP” dará origem a dois caminhos argumentativos, funcionando como duas UMTs. Uma que dará origem às UTs relacionadas ao racionamento por falta d’água (UMTx) e outra que funcionará como ponto de partida para a discussão do posicionamento de Alckmin ou Sabesp exposto pela Folha de S. Paulo (UMTy).

As unidades textuais que iniciam o texto se vinculam à UMTx, pois se relacionam à falta d’água, “Verão sem chuva, represa sem água, situação tensa”, que funciona também como comentário do locutor em relação à situação pela qual passava a cidade de São Paulo. Quando o autor utiliza, no parágrafo 1, o trecho de uma marchinha de carnaval – “Tomara que chova três dias sem parar, ei!/ Tomara que chova três dias sem parar/ A minha grande mágoa é lá em casa não ter água/ E eu preciso me lavar” – visualizamos uma relação direta composta por meio dessa UT com a UMTx e com a unidade textual que se segue “verão sem chuva, represa sem água, situação tensa”, reforçando a ideia que o racionamento deve ser realizado.

Quando passamos para o parágrafo 2, temos o início da argumentação vinculada à UMTy. Com a exposição da Manchete da notícia “Alckmin agora diz que avalia racionamento” (UT), temos a retomada da porção textual “Alckmin ou SABESP” (UMTy), exposta no título da postagem. Dessa UT, são desmembradas outras UTs no interior do parágrafo, como a avaliação das lexias “agora” e “avalia”, trazendo o posicionamento da Bolha em relação à mudança de postura do Governador de São Paulo por meio também de termos avaliativos, como “morosidade”, “lentidão” e “ainda está estudando”. Seguindo a UMTy, a Bolha expressa: “acabamos vendo não só que o texto segue um tom muito mais brando do que o prometido, mas também que alguns pontos na notícia merecem sinal de alerta”.

Podemos dizer que o parágrafo 3 é uma UT de bastante relevância para o desenvolvimento da UMTy, pois é a partir do parágrafo 3 que temos a argumentação referente à representação de Alckmin construída por meio da matéria, como, por exemplo, a ausência de contraponto em relação aos trechos do depoimento de Alckmin, uma “ressalvinha”, “princípio besta de ‘mostrar os dois lados’”, “porém moradores de diversas regiões da grande São Paulo já vêm observando suspensões no fornecimento de água”, “fala soberana do Alquiminho”. As UTs do parágrafo seguinte continuam referindo-se à UMTy, e, dentro do mesmo parágrafo, temos também relações hierárquicas, por exemplo, quando o locutor utiliza “Nosso douto jornal deixa escapar dois implícitos que nos afligem”, o que gerará outras duas UTs para explicitar os implícitos: “explicações só são necessárias para rebater ‘adversários’, não para esclarecer a população” e “apontar falhas é coisa de ‘adversário político”.

Ao final do texto, para complementar a UMTy, que trata de Alckmin e SABESP, o locutor apresenta que, na versão online, o “nosso jornal predileto optou por poupar Alquiminho, dizendo ‘Sabesp agora diz que avalia racionamento’”, explicitando tanto o posicionamento da

Folha em relação a Alckmin quanto o posicionamento da Bolha em relação à Folha. O quadro 6 resume as relações entre as UMTs e as UTs da postagem:

Quadro 6 – Apresentação resumitiva - Relação entre as Unidades Textuais e as Unidade Macrotextuais

UNIDADES MACROTEXTUAIS
Racionamento (UMTx): Alckmin ou Sabesp? (UMTy)
UNIDADES TEXTUAIS
Parágrafo 1 – A Unidade Textual (UT₁) Retoma o racionamento por meio da utilização de trecho da marchinha de carnaval e do fechamento “Verão sem chuva, represa sem água, situação tensa”.
Parágrafo 2 – A UT₂ “Alckmin agora diz que avalia racionamento”, vinculada à UMTy , proporciona o desenvolvimento de todo o parágrafo 2, já que, no início do parágrafo, há o anúncio da manchete do Jornal e, em seguida, há a interpretação das lexias “agora” e “avalia” que são também unidades textuais que se relacionam à UT₂ e, por conseguinte, à UMTy .
Parágrafo 3 – A UT₃ “Jornalismo é oposição. O resto é armazém de secos e molhados”, vinculada à UMTy , gerará as unidades textuais dos parágrafos 3, 4 e 5, sendo uma Unidade Textual privilegiada, mas hierarquicamente subordinada à UMTy . No parágrafo 3 há o estabelecimento de uma ligação da imagem de jornalismo mais aproximada à Bolha de S. Paulo e distanciada em relação à Folha. A UT_{3.1} “sinais de alerta” auxiliará na construção das unidades textuais dos parágrafos 4 e 5.
Parágrafo 4 – A UT_{3.1} “Sinais de alerta” é retomada pela UT_{3.1.1} “Um deles são os trechos citados do governador não receberem um contraponto”, que é também subdividida nas UTs que explicitam as falas do governador e possíveis falas que poderiam ser inseridas como contraponto.
Parágrafo 5 – A UT_{3.1.2} “Outra passagem estranha dia (sic) [dizia] que nosso governante [...] no planejamento” retoma a UT_{3.1} e gera a UT “[...]dois implícitos que nos afligem”, que dá origem a outras duas UTs , que se contrapõem à fala exposta na notícia publicada na Folha, sendo introduzidas respectivamente por “primeiro” e “outro” que se vinculam aos dois implícitos.
Parágrafo 6 – As Unidades textuais utilizadas no parágrafo 6 retomam a UMTy , pois retomam “Alckmin ou Sabesp”, A UT é utilizada para explicitar o papel da Bolha enquanto Ombudsman, que é procurar falhas no “Jornal mais vendido de S. Paulo”. A segunda unidade textual deste parágrafo refere-se ainda à relação entre Folha e Bolha, retomando a UT principal do parágrafo.
Parágrafo 7 – A UT do parágrafo 7 “Obs: na versão [...] ‘Sabesp agora diz que avalia racionamento’” retoma diretamente a UMTy , pois explicita o motivo do título da postagem.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Após a visualização da articulação entre as unidades textuais que compõem a postagem, podemos dizer que há a vinculação semântica entre as UMTs e as UTs, proporcionando uma progressão de sentido na formulação argumentativa da postagem. Na seção 6.2.2, apresentamos a engrenagem estilística.

6.2.2 Engrenagem estilística

Na engrenagem estilística, vemos o papel das escolhas linguísticas para a construção argumentativa realizada na postagem da Bolha de S. Paulo. Essas escolhas realizadas pelo agente produtor do texto também auxiliam na construção da imagem dos envolvidos nas postagens e, principalmente, a respeito do posicionamento crítico do locutor em relação à ação realizada pela Folha e ao próprio posicionamento do governador de São Paulo.

No parágrafo 1, temos a seleção de expressões como “certamente” (modalidade epistêmica), o próprio trecho da marchinha escolhido para figurar no texto e a conclusão a que se chegou com base na UT “Verão sem chuva, represa sem água, situação tensa”, que funciona como comentário do locutor a respeito da situação pela qual passava a cidade de São Paulo. Já, no parágrafo 2, encontramos “em sua função de cobrar o poder público”, “não deixa dúvida”, e a interpretação das lexias “agora” e “avalia” revelam um posicionamento em relação ao posicionamento adotado pela folha em relação à fala de Alckmin.

Quando o locutor se posiciona que “Jornalismo é oposição”, vemos uma inserção da instituição jornalística no panorama textual. Primeiramente, foi construída a imagem de Alckmin ligada à morosidade das ações em relação ao racionamento de água. Enquanto *ombudsman*, a Bolha estabelece uma relação entre Alckmin e Folha, mostrando, do seu ponto de vista, a parcialidade ao abordar o assunto. No parágrafo 4, a desconstrução da imagem da Folha de São Paulo ocorre por meio do emprego da estratégia textual “ironia”, por exemplo, nas palavras “ressalvinha”, “princípio besta”, “fala soberana do Alquiminho”, bem como pela utilização de expressões como “douto jornal” e “governanto”, no parágrafo 5. Tal seleção mostra o posicionamento da Bolha, auxiliando na construção de sentidos no interior do texto, fazendo com que o interlocutor, através da interpretação dos princípios jornalísticos, também se posicione a favor da perspectiva defendida pela Bolha de S. Paulo.

No parágrafo 6, temos a construção da imagem da Bolha de S. Paulo em relação aos dois personagens mencionados anteriormente, Alckmin e Folha de S. Paulo: “estamos o tempo todo atrás de falhas do jornal mais vendido de S. Paulo” e “Sabemos que receber críticas é mó bad; [...], bebê”. Vemos nesses trechos uma carga não apenas de construção da imagem de si, mas também uma desconstrução da imagem do outro, refletindo o posicionamento oposicionista da Bolha em relação à Folha e ao Governador Alckmin.

A utilização de expressões avaliativas, que já mostramos tanto na engrenagem organizacional quanto aqui na engrenagem estilística, também auxiliam na construção de um posicionamento crítico-argumentativo no interior do texto. As expressões entre aspas, como o trecho da marchinha de carnaval, a ênfase em “agora” e “avalia”, a reprodução do depoimento de

Alckmin e da própria Folha de S. Paulo, também são consideradas elementos estilísticos. Por meio da seleção desses elementos estilísticos, construímos um panorama da construção das imagens do locutor ao longo do texto, conforme mostra o quadro 7:

Quadro 7 – Posicionamentos do locutor ao longo do texto

Partes do texto	Posicionamento crítico
Parágrafos 1 e 2	Analista
Parágrafos 3, 4 e 5	Comentarista Crítico
Parágrafos 6 e 7	Comentarista

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Observando o quadro 7, percebemos que as escolhas linguísticas que compõem a engrenagem estilística não são realizadas aleatoriamente, mas refletem o posicionamento do locutor em relação aos fatos apresentados no texto.

6.2.3 Engrenagem enunciativa ampliada

Na engrenagem enunciativa ampliada, temos as imagens construídas pela Bolha de S. Paulo, tanto de si quanto da Folha de S. Paulo. A construção de imagens de si e da Folha ao interlocutor procura explicitar o posicionamento ideológico defendido pela Bolha no Facebook. A partir das imagens do locutor explicitadas na seção 6.2.2, temos, nos parágrafos 1 e 2, um locutor preocupado em expor os fatos e analisá-los, trazendo com essa imagem o *ethos* de Analista e propondo ao seu leitor um *pathos* racional, que consegue inferir, a partir daquilo que foi mostrado nestes parágrafos do texto, e chegar a conclusões lógicas.

Nos parágrafos 3, 4 e 5, há uma mudança de postura do locutor, passando de analista para comentarista crítico em relação ao que foi exposto na matéria veiculada pela Folha de S. Paulo. Com o locutor comentarista crítico, vemos uma desconstrução da imagem da Folha de S. Paulo, bem como uma crítica em relação ao posicionamento de Alckmin quanto ao racionamento. Nesse caso, o *pathos* é chamado a proceder a uma leitura crítica, pois este tem a capacidade de se revoltar com o posicionamento da instituição midiática.

Nos parágrafos 6 e 7, ocorre a construção da imagem da Bolha de S. Paulo. O locutor ocupa a posição apenas de comentarista a respeito do comportamento da Bolha em relação ao posicionamento da Folha, expondo os fatos e tecendo comentários a partir desses. O *pathos* evocado é aquele capaz de refletir a respeito de tudo aquilo que foi mostrado ao longo da postagem e, a partir daí, se posicionar criticamente. O posicionamento ideológico da Bolha de S.

Paulo, expresso por meio do contradiscurso, atua na construção argumentativa e de sentidos do texto, relacionando os seguidores da página, a Folha de S. Paulo e seus leitores.

7 Considerações finais

Com base no que foi apresentado aqui, podemos dizer que o modelo proposto por Pinto (2010) pode ser aplicado a outros gêneros que possuem características opinativas e/ou argumentativas. A proposta aqui aplicada, por meio dos componentes externos, traz informações do funcionamento situado do texto, enquanto os componentes internos nos mostram a tessitura textual de construção de sentidos, fazendo com que o texto ganhe certa interpretação, através das engrenagens organizacional, estilística e enunciativa ampliada.

Quando se fala em “postagem”, remete-se diretamente ao ambiente digital, pois até mesmo a definição de postagem, como publicação na internet, revela-nos o seu local de atuação. As semelhanças com a coluna de *ombudsman* veiculada na Folha de S. Paulo semanalmente são visíveis, mas por se encontrar em um ambiente de rede social da internet e não no próprio site jornalístico, as críticas podem ser vistas como mais intensas e sarcásticas em relação às produções da Folha. O fato de os gêneros postagem e *ombudsman* não possuírem um nome particular também contribui para uma maior liberdade de composição textual e, por conseguinte, da construção argumentativa. A ação realizada pela Bolha de S. Paulo através da postagem contribui para a fixação de uma função de crítica ao comportamento de determinada empresa jornalística, veiculada nas redes sociais, uma inovação em relação à coluna *ombudsman* publicada no jornal impresso.

Os componentes internos aqui analisados são apreendidos principalmente por meio de uma análise textual que leva em conta também fatores vinculados aos gêneros e ao discurso. Na engrenagem organizacional, visualizamos o modo como o texto é construído e a articulação das unidades macrotextuais, semanticamente privilegiadas, com as unidades textuais, que retomam e dão continuidade e progressão ao sentido da UMT. A engrenagem estilística nos auxilia a perceber como o locutor se apresenta em cada porção textual, dando a entender sua postura perante aos acontecimentos ali expostos. A engrenagem enunciativa ampliada traz à tona a imagem de si e a imagem do interlocutor construída pela Bolha de S. Paulo através da elaboração do texto.

Referências

ADAM, J. M. En finir avec les types de textes. In: BALLABRIGA, M. (Org.). **Analyse des**

Discours Types et Genres: communications et interpretations. Toulouse: Editions Universitaires au Sud, 2001, p. 25-43.

BEAUGRANDE, R. A., DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics.** London: Longman, 1981.

BRONCKART, J. P. Les genres de textes et leur contribution au developpement psychologique. **Langages.** Paris: n. 153, p. 98-108, 2004.

_____. Os gêneros de texto e os tipos de discurso como formatos das interações de desenvolvimento. In: MENENDEZ, F. M. (Org.). **Análise do discurso.** Lisboa: CLUNI e Hugin editores, 2005, p. 39-79.

BOLHA de S. Paulo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/abolhadesaopaulo/info>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

FOLHA de S. Paulo. **Ombudsman.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/cargo.shtml>>. Acesso em: 30 set. 2014.

GENETTE, G. **Introduction à l'architexte.** Paris: Seuil, 1979.

_____. **Seuils.** Paris: Seuil, 1987.

GROHMANN, R. Os textos do Ombudsman da Folha S. Paulo como gênero do discurso: uma análise bakhtiniana. **Comtempo Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero**, v. 2, p. 1-11, 2010.

MACHADO, D.Z.; PEREIRA, R.A. A Infraestrutura Textual do Gênero Ombudsman: Estudo Interacionista Sociodiscursivo. **Work. pap. linguíst.**, Florianópolis, n.esp., p. 127-147, 2009.

MILLER, C. Gênero como ação social. In: _____. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009 [1984].

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico.** São Paulo: Perspectiva, 1995.

PINTO, R. **Como argumentar e persuadir?** Práticas: política, jurídica e jornalística. Lisboa: Quid Juris Sociedade Editora, 2010.

RASTIER, F. Poétique et textualité. **Langages.** Paris: n. 153, p. 121-126, 2004.

Data de recebimento: 5 de julho de 2017.

Data de aceite: 3 de dezembro de 2017.